

1 Introdução

O mundo ficou perplexo diante do desabamento das torres em *Manhattan*, quando um audacioso atentado terrorista atingiu o centro comercial e financeiro da contemporaneidade. Com este ataque o terrorismo roubou a cena e conseguiu aparecer ao vivo, pela primeira vez, para todo o globo terrestre conectado por satélites. A grandiosidade dessa operação, que possivelmente tornou-se o mais admirável assalto terrorista da história, deve-se sobretudo ao fato do local atacado ser a maior potência econômica e bélica do planeta. Entretanto, a maior proeza do evento em Nova York foi conseguir ser transmitido em tempo real para milhares de espectadores em todo o mundo. Assistir ao vivo, na comodidade doméstica, ao espetáculo de violência terrorista é realmente uma situação nova e surpreendente, embora o terrorismo já tenha algumas décadas de existência.

De fato, essa ação terrorista não guarda glórias de novidade. Não foi a primeira vez, e possivelmente não será a última, que o Ocidente presencia esse tipo de ato. Apesar do crescente crédito dado à democracia e ao humanismo, o terrorismo insiste em utilizar a violência como forma de manifestação política, atualizando o recurso antiquado ao inseri-lo na engrenagem do sistema técnico de divulgação de imagens, através da qual a principal vítima não é mais a que morre, como na violência tradicional, mas a que permanece viva para assistir ao atentado.

Somente o Ocidente, certo de seus valores humanitários, não quis mais acreditar que o uso da violência indiscriminada pudesse persistir numa sociedade civilizada. Do topo de uma história carregada de bestialidades, a humanidade tenta, pelo menos teoricamente, relegar ao passado o exercício ilegítimo da violência pela conveniente afirmação da democracia. Especialmente após as catástrofes que se desenrolaram na primeira metade do século XX, grande parte do planeta parece concordar sobre a necessidade de restringir ao máximo o emprego da violência. O próprio desenvolvimento técnico das armas atômicas interligou todos os povos numa comunidade de risco comum, que deve se manter em alerta sobre a possibilidade de extinção da vida humana no globo.

Visando tal possibilidade de pacificação foram criadas agências internacionais para coordenar os conflitos mundiais, e reproduziram-se discursos humanitários. A validade desse projeto reafirmou-se na esteira da guerra do

Vietnã e das lutas de libertação nacional terceiro-mundistas, principalmente, com o exemplo indiano, que evidenciou a possibilidade de resolver as desavenças políticas por meio da comunicação.

Diante dessa perspectiva ética, o atentado de 11 de setembro desponta como persistência da “barbárie” no interior da civilização, tornando-se mais desagradável por atingir o reduto americano historicamente democrático. Se esses ataques se restringissem ao Oriente-Médio ou a outras regiões periféricas, provavelmente não suscitariam tanto espanto. O alarme assomou-se porque aos norte-americanos não parecia possível que tal violência ilegítima os alcançasse.

Afora o assombro pela imponência do ato e pela permanência da violência indiscriminada, o atentado aos EUA não apresenta caráter excepcional se forem analisadas as freqüentes irrupções terroristas nos países europeus. É fato que a crescente afirmação da democracia não resolveu, pelo menos por enquanto, o problema da persistência do uso da violência.

Se é plausível concordar que a via pacífica é o melhor caminho para a resolução de conflitos, a validade universal da democracia permanece em xeque devido ao embate latente entre o que é e o que deve ser. Desse modo, a contemporaneidade política se vê ainda envolvida na tensão entre a validade e a facticidade, considerando que, na realidade factual, a construção de sociedades seguras e bem-alimentadas se realizou apenas no lado norte-ocidental do planeta às custas da permanente exploração de outros povos e da desestruturação de mundos da vida tradicionais.

A constatação desse problema de afirmação da democracia não sugere a legitimidade do uso da violência terrorista. Entretanto, esse trabalho parte do pressuposto de que, ao procurar estabelecer uma definição e apontar um significado para o fenômeno político denominado terrorismo, é necessário considerar a questão da efetividade da democracia. Na atualidade, o terrorismo aparece como a última manifestação relutante contra a concretização da democracia, que por sua vez, se apresenta como realização da política: tudo aquilo que está às margens do procedimento democrático tem sua ilegitimidade declarada de antemão. Desde o fim da guerra fria, quando as propostas políticas alternativas entraram em decadência, tornou-se difícil imaginar que pudessem ser efetuadas modificações abruptas nas formas de governo ou revoluções. A querela entre democracia e terrorismo pode ser resumida da seguinte maneira: em

contraposição à crescente descrença nas expectativas revolucionárias, principalmente após os transtornos promovidos por algumas experiências socialistas, e à conseqüente afirmação das democracias capitalistas, o terrorismo ascende e se desenvolve como modo de contestação política, que guarda o caráter de resistência contra a realização democrática, mantendo a possibilidade de recriar a história através de *putschs* violentos.

A tarefa de refletir acerca do significado do terrorismo no mundo político contemporâneo necessita lidar primeiramente com o problema da definição de terrorismo. Uma das principais controvérsias a respeito do tema é a dificuldade de consenso quanto à caracterização do fenômeno. Diversos autores debruçaram-se sobre o assunto e chegaram a conclusões tão variadas que se contradizem entre si. Alguns conseguem considerar o terrorismo como uma manifestação política, enquanto outros observam que se constitui como pseudo-política. Portanto, o primeiro esforço desse trabalho segue no sentido de averiguar as explicações de alguns autores acerca do terrorismo, elaborando um quadro sobre as principais posturas diante do tema.

Em seguida, é esboçada uma explicação sobre a composição do terrorismo, partindo da análise de suas características fundamentais: o conteúdo político e a forma espetacular. Nesse momento, considera-se a contemporaneidade do fenômeno e as possibilidades de sua concretização, no que se refere à realização das intenções subjacentes ao exercício dos atentados.

Ressalta-se que o aparecimento do terrorismo enquanto prática política autônoma data da década de 1980, embora, desde 1960, o terrorismo já seja constantemente utilizado como recurso nas guerrilhas marxistas, das quais se destaca progressivamente à medida que avança no sentido de tornar-se um recurso político autônomo, sem ligação exclusiva com desígnios marxistas.

No período de 1960 e 1970, o terrorismo aparece junto à atuação guerrilheira marxista, principalmente como recurso da guerrilha urbana. Carlos Marighella ressalta a importância da atividade terrorista para atingir os objetivos de desmascarar o governo e fundar uma nova sociedade mais livre. Nesse momento inicial, o terrorismo é um dos meios utilizados pelos guerrilheiros para criar uma situação de desordem e descontrole. O uso das bombas, que caracteriza

o terrorismo, deve provocar uma situação de instabilidade e medo, funcionando como um elemento da denominada “guerra de nervos.”¹

Esse incipiente terrorismo praticado pela guerrilha marxista ainda não se constitui como prática autônoma; como um artifício particular através do qual se pretende alcançar objetivos políticos, embora alcance progressivamente uma proximidade dos atentados que presenciamos atualmente. O exercício do terrorismo como conhecido hoje em dia deita raízes nessa experiência guerrilheira e mantém-se vinculado exclusivamente a ela durante seus estágios iniciais. As primeiras manifestações terroristas *per se* despontam na década de 1970, sendo possível identificar atentados terroristas, como a operação do Setembro Negro, que consistiu em seqüestrar e executar onze atletas israelenses durante as Olimpíadas de Munique em 1972, e a Operação Ogro, do ETA, responsável pela explosão espetacular que pôs fim a vida daquele que seria o sucessor de Franco na Espanha em 1973.

Desde então, é possível reconhecer uma atividade nova, ainda que as pretensões subjacentes aos atentados permaneçam na esfera de expectativas marxista. O terrorismo adquire vida própria quando passa a ser uma manifestação de violência particular, com uma forma específica por meio da qual aspiram realizar-se anseios políticos diversos. Desenvolvendo-se tecnicamente como imagem espetacular, a violência terrorista se caracteriza como uma violência singular, mesmo mantendo originalmente razões políticas comuns às da guerrilha marxista. No terrorismo propriamente dito, torna-se mais importante a divulgação das imagens de violência do que a violência em si, por isso a identidade dos alvos perde valor à medida que o terrorismo se emancipa da tradição guerrilheira.

Assim, se o terrorismo aparece junto às práticas de guerrilha marxista nas décadas de 1960 e 1970, no período posterior, destaca-se como uma atividade autônoma, que pode ou não permanecer em contato com ideais marxistas. Portanto, há uma modificação flagrante entre o terrorismo promovido pelos manuais guerrilheiros nos anos sessenta e a manifestação de atentados no início da década seguinte: a singularidade da forma terrorista, que promove a violência à categoria de espetáculo. A partir daí, é possível constatar um tipo diferente de

¹MARIGHELLA, C., *Minimanual Del guerrillero urbano*. In: ____ *Accion Libertadora*.

exercício da violência, no qual ganham importância as vítimas que permanecem vivas para presenciar o desenrolar do acontecimento terrorista.

Destaca-se que o terrorismo caracterizado pelo uso da violência espetacular exercida como meio de alcançar a revolução comunista foi apropriado por atores com intenções políticas diversas. No limiar de 1980, constata-se a existência de variados grupos praticantes de atentados terroristas cujos objetivos políticos escapam ao âmbito marxista, ainda que se mantenham com pretensões revolucionárias, no sentido amplo do termo - idéia de provocar transformações político-sociais. Desde então, o terrorismo manifesta-se como forma espetacular, através da qual se ambiciona atingir a realização de um conteúdo político. Por isso, o conteúdo político e a forma espetacular constituem-se como suas características fundamentais.

Desde quando adquire autonomia e classifica-se como um fenômeno político distinto da guerrilha marxista, o terrorismo é utilizado em prol da realização de objetivos políticos diversos, aos quais não está ligado necessariamente. O terrorismo, tal como o nacionalismo, não existe sem a companhia de pretensões políticas abrangentes. Ou seja, se o nacionalismo pode assumir feições nazistas e marxistas dependendo do contexto em que aparece, também o terrorismo exprime discursos políticos variados, como o marxismo e o fundamentalismo. Portanto, terrorismo não é uma ideologia do terror, que promove a violência sensacionalista aleatoriamente, sem ter razões políticas para tanto. O terrorismo só aparece quando há o uso da violência espetacular com a intenção de promover transformações políticas na estrutura social. O emprego da violência espetacular sem o conteúdo político subjacente não se caracteriza como terrorismo, mas, sim, como terror ou violência eventual ou individual. Também o exercício da violência com pretensões políticas não significa necessariamente prática de terrorismo, pois pode se tratar igualmente de guerra, guerrilha, ditadura ou revolução.

Esse trabalho supõe que a sensação de que o terrorismo se tornou uma violência pura, pseudo-política e inócua não expressa a perda de objetivos políticos do terrorismo, mas, sim, refere-se ao modo como o atentado aparece na esfera pública devido à situação histórico-política na qual se manifesta. Nesse sentido, entende-se que há um descolamento entre as suas pretensões revolucionárias e o contexto político ao qual estão referidas. Considerando que

apenas a partir da década de 1960 abre-se a possibilidade de surgir um fenômeno político calcado na combinação de um conteúdo político, cuja idéia geral é recriar a história através da violência, e de uma forma espetacular, na qual a violência adquire aspecto de show devido à divulgação das imagens pelos meios de comunicação, sublinha-se a contemporaneidade dessa manifestação. Contudo, é necessário ressaltar que essa “contemporaneidade” se constitui de dois momentos claramente distintos entre si: 1- fase de florescimento de movimentos revolucionários armados que pretendem instaurar alternativas políticas ao sistema democrático-capitalista; 2- período de enfraquecimento das expectativas *putschistas* e afirmação do pacifismo pela democracia. Ocorre que a pretensão revolucionária, e sobretudo o anseio de instaurar mudanças políticas através da violência, entrou progressivamente em declínio com a crescente afirmação da democracia. O esvaziamento das manifestações estudantis de 1968 constitui-se como o prenúncio dessa realização, que de fato se concretiza com a queda do Muro de Berlim, quando as alternativas ao sistema capitalista parecem esgotadas. Desse modo, o terrorismo persiste como única resistência à materialização da democracia, mantendo atuais as pretensões revolucionárias sessentistas e, ao mesmo tempo, desenvolvendo-se tecnicamente ao especializar-se na produção de atentados espetaculares.

Se aos olhos dos terroristas, a violência espetacular é o melhor meio de alcançar seus objetivos políticos, historicamente nota-se que o terrorismo não atingiu, ao menos por enquanto, os objetivos pelos quais se propõe a lutar. Não há exemplos de revoluções religiosas ou socialistas desencadeadas pelo terrorismo, nem de formação de Estados Nacionais a partir do exercício de atentados terroristas.

O fato do terrorismo se apresentar como cena admirável de violência, cuja aparição deixa um rastro de medo e espanto, não lhe confere necessariamente a realização de seus anseios revolucionários: despertar as massas e desestruturar o Estado para que se instaure uma situação revolucionária. Com essa proposição, o trabalho visa investigar a ambigüidade da divulgação das imagens de violência sensacionalista, que, concomitantemente, põe em evidência o grupo e sua causa, mas também deixa sem sentido a apresentação terrorista porque a sociedade de massas, ela mesma espetacular, dificulta o aparecimento do projeto terrorista, de modo que o atentado também é vendido como mercadoria visual.

Partindo da concepção de que a sociedade do capitalismo tardio caracteriza-se pela crescente mercadorização da vida, na medida em que tudo necessita aparecer para ser nesse cotidiano convertido em cruzada pela venda e compra de mercadorias, supõe-se que os atentados terroristas reproduzidos pelo mundo inteiro também adquirem posição no mercado, tal como outras informações telejornalísticas, ou outras cenas espetaculares de violência. O terrorismo é um show dentro de uma sociedade do espetáculo, por isso, nesse espaço público intermediado pela mídia, os atentados acabam se destacando mais por sua forma cinematográfica do que por seu conteúdo político. Inclusive, a proeminência da forma também parece ser uma preocupação dos terroristas, sobretudo no caso do terrorismo islâmico, que promove ações internacionais fenomenais se comparadas às congêneres de cunho marxista - o “11 de setembro” é o melhor exemplo sobre isso.

O conteúdo político e a forma espetacular não são condizentes entre si porque aparecem de forma separada quando divulgados como espetáculo. O desenvolvimento técnico, que torna possível a manifestação do terrorismo, também lhe nega o logro de suas ambições, quando apresenta a violência espetacular a partir de determinadas classificações e explicações sobre o acontecimento, dificultando a concretização do projeto terrorista no que se refere à realização de suas intenções políticas. O que surge aos espectadores, a quem os atentados chegam pela difusão da mídia, como mercadoria visual, é a ilegitimidade do recurso violento num mundo pacificado, pois as intenções dos protagonistas são inexistentes ou inviáveis.

Após propor uma explicação para o terrorismo, classificando-o como um fenômeno que se constitui de duas características básicas - o conteúdo político e a forma espetacular -, o trabalho volta-se para a reflexão sobre a interação entre conteúdo e forma, considerando que o primeiro está relacionado ao anseio político de recriar a história através do uso da violência, como pensavam os guerrilheiros marxistas; enquanto o segundo refere-se à divulgação das imagens de violência e demonstra a preocupação com a produção da cena do atentado. Assim, observando a situação do terrorismo diante da crescente afirmação da democracia e da sociedade do espetáculo, destaca-se a desconexão entre seu conteúdo político e sua forma espetacular.

Apontando a dificuldade de realização prática dos anseios revolucionários do terrorismo, o estudo insiste na análise da divulgação de imagens com o intuito de procurar alguma outra efetividade do terrorismo. Ao perceber o papel fundamental que a sociedade civil, convertida em platéia, tem na engrenagem terrorista, constata-se que o significado do fenômeno só pode ser compreendido se forem consideradas as possibilidades abertas pela difusão de imagens que lhe é essencial. O terrorismo deve ser pensado enquanto mecanismo agente/ato/receptor.

A sociedade contemporânea, onde os eventos políticos se manifestam na esfera pública como espetáculos, facilitou o aparecimento da violência-show. Somente porque há uma esfera pública política, que se tornou público espectador, o terrorismo pôde despontar como esse tipo de violência espetacular, cuja maior ênfase não está nos alvos que atinge, mas na perturbação da esfera pública que legitima a estrutura política democrática. O alvo do terrorismo é, portanto, a sociedade civil que assiste aos atentados; esta se constitui como sua principal vítima - o que importa não é o número das mortes ou a identidade dos mortos, ainda que a quantidade de vítimas denuncie a grandeza do atentado, causando maior impacto. Assim, provocando o medo, o terrorismo cumpre parte daquilo que aspira. Ainda que não alcance a realização de seus desígnios, a persistente atitude terrorista acaba desencadeando uma manifestação prática na esfera pública contra a qual se lança.

Notando o potencial do terrorismo de despertar a capacidade reflexiva dos espectadores pela divulgação das imagens, constata-se a possibilidade de sua realização negativa. A imagem pode despertar o pensamento crítico do espectador se conseguir escapar dos mecanismos de reprodução espetacular. Nesse sentido, o atentado ao WTC em 2001 tem grande importância, pois pela primeira vez um atentado pôde ser transmitido ao vivo. Nesse momento, os espectadores, sem as explicações das agências de notícias, precisaram elaborar as respostas sobre o ato.

As possibilidades abertas na relação entre ato e receptor permitem exemplificar a capacidade negativa que o terrorismo adquire na contemporaneidade. Se o terrorismo encontra obstáculos estruturais para a concretização política de suas pretensões originais, a persistência dos atos na sociedade hodierna adquire significado de resistência cega à estabilidade democrática. Considerando que a oposição política na contemporaneidade já

aparece dentro da legalidade democrática ou esconde-se nos meandros da sociedade, resistindo discretamente em instâncias capilares de poder, o terrorismo permanece como negação total do sistema. Apesar da dificuldade de se realizar afirmativamente, o terrorismo assume o pilar da resistência, funcionando como permanente negação da sociedade democrática na recusa de seus fundamentos básicos.

O terrorismo insiste em utilizar a violência, recuperando esse recurso político tradicional e atualizando-o sob a forma espetacular com a intenção de recriar a história. Assim, assume-se como nova forma de rebeldia, utilizando mecanismos invisíveis para despontar na espetaculosidade, e persiste, praticamente solitário, como última forma de contestação política ao sistema democrático-capitalista.